

Mapeamento das famílias circenses de Minas Gerais: diálogos sobre reconhecimento identitário e luta por direitos a um modo de reprodução sociocultural em uma comunidade tradicional.

Mayara Ferreira Mattos¹

Resumo: Os dados etnográficos aqui reunidos prestar-se-ão à construção de monografia de curso de graduação em Antropologia sobre as famílias circenses que itineram por Minas Gerais. Acompanhando a dinâmica diária de pequenos circos que circulam, principalmente, pela região metropolitana de Belo Horizonte, e participando das reuniões da Rede de Apoio ao Circo, proponho compreender a importância da transmissão dos conhecimentos circenses num devir criativo, temporal e espacial constantes; para além de uma tradição estática, as identidades circenses são (re)elaboradas continuamente, desenvolvendo práticas cotidianas ao longo de rotas territoriais marcadas.

O sentimento de pertencimento a uma comunidade mobiliza a memória, evoca construções coletivas de identidades que permeiam os indivíduos e conformam as relações históricas do grupo. Sendo assim, é acionando características próprias que os circenses constituem-se como comunidade tradicional, mobilizando-se para garantir modos específicos de reprodução sociocultural e lutando para que seus conhecimentos sejam respeitados na sua diversidade. Pois, tradicionalidade implica comungar valores próprios aos membros das famílias circenses, ao mesmo tempo que a tradição os constroem, eles refazem a tradição, processo dialético de construção de identidades consolidada em conhecimentos tradicionais transferidos e atualizados a cada geração.

Palavras-chave: famílias circenses, identidade, território e tradicionalidade.

INTRODUÇÃO

Levando em consideração os discursos circenses que sempre reiteram a importância da família, e com base numa bibliografia que demonstra que circo e família estão dialeticamente relacionados (FIDELA, 2010), comecei a traçar uma rota de pesquisa calcada nesse recorte.

¹ A autora compõe o corpo discente do curso de graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: mayaraferreiramattos@gmail.com.

Preocupei-me em não chegar com conceitos hermeticamente prontos ou fechados, e fui percebendo que, como afirma Gilmar Rocha "o circense tradicional é o resultado de relações afins e não necessariamente consanguíneas; o que amplia não só a noção de família como a de tradição" (ROCHA, 2013, p.66). Para este autor, "espécie de organismo vivo, o circo é, para o circense, a sua casa, o seu trabalho, enfim, a sua vida (...). O circo se torna uma metáfora para a própria vida" (ROCHA, 2013, p.60 e 61).

Quando um antropólogo(a) realiza sua imersão no campo, muitas informações acabam sobressaindo e ter um olhar sensível a essas questões é fundamental para conseguir perceber modos de estar no mundo tão distintos. Joana Afonso aprendeu com alguns erros que o circo

Possui características que o tornam uma comunidade em que as pessoas, para além de partilharem uma profissão, partilham também uma forma de vida, uma identidade própria e a noção de que formam um grupo em que tudo se distingue dos demais. Nasce-se, vive-se e morre-se no circo. (AFONSO, 2002, p.22)

Essa (con)vivência circense produz sentimentos de pertença e laços tão fortes que nem mesmo os membros do grupo conseguem explicar, como é possível perceber nos discursos que se seguem:

Eu adoro circo, eu já tentei pará de circo também, mas não aguentei (...)
O circense, ele num consegue, se aparecer um circo ele tá lá. (Mateus, Playcirco. Reunião RAC, 01/10/2014)

Eu tentei sair fora do circo, mas o circo num saiu de mim. Eu fiquei uns 10 anos no circo parado, só mudando lona. Então voltei pra cá de novo. Os filhos, os netos, tá todo mundo no circo. (Moisés, o rei do pedal. Reunião RAC, 01/10/2014)

Nesse sentido, ao adentrar por essas conformações próprias, fui percebendo que as famílias circenses extrapolam o devir artístico, (in)corporando e (com)partilhando modos de estar/ser no/o mundo, numa dinâmica muito particular. Pois, "Circo é círculo. Nele cabem a unidade e a diversidade. Incorporando, absorvendo e transformando costumes, línguas, valores, o circo é reconhecível em qualquer parte do mundo. Esta forma guarda em si todos os elementos que o identificam e o mantém íntegro" (COSTA, 1999, p.68).

MOVIMENTO HISTÓRICO

Existem muitas histórias que conformam as trajetórias do circo, elas vêm de longe e estão sempre em movimento. Assim, produzindo um balanço histórico geral, será possível identificar as relações de constituição do circo por meio das suas famílias tradicionais. Nesse sentido, a digressão histórica pauta-se, principalmente, nas famílias circenses que vieram para o Brasil. No entanto, inicialmente, faço abaixo um rápido esboço do contexto em que parte desse percurso histórico foi se desenrolando.

O surgimento do circo como local de manifestações artísticas é questionável, de acordo com a maioria dos autores que tratam desse assunto. Com base no que afirmam Andreia Aparecida Pantano, no seu livro *A personagem palhaço*, e Sula Muvrudis, na obra *EnCircopedia*, há menções que remontam as origens da arte circense a pinturas encontradas na China datadas de mais de 5.000 anos, além de gravuras de malabaristas visualizadas nas pirâmides do Egito, objetos de barro e pedra na Ilha de Creta (1.800 a.C.) e painéis em tumbas egípcias (1.180 a.C.), que traziam representações dessa arte – acrobacias, saltos, equilíbrios, exibição de força elasticidade, entre outros. Porém, existe uma distinção operante entre arte circense e circo propriamente dito, diferença essa explicada por Alice Viveiros de Castro, no livro *O circo no Brasil*:

As artes circenses, como a dança e o canto, têm origem no sagrado, naquelas representações onde se permitia essa loucura que é a arte. Além, claro, da sua relação com as práticas esportivas. Já o circo, como nós o conhecemos - um picadeiro, lonas, mastros, trapézios, desfiles, animais exóticos e jaulas, isso para não citar a pipoca e o algodão doce - é a forma moderna de antiquíssimo entretenimento de diversos povos e culturas. Mas o circo como espetáculo pago, como picadeiro onde se apresentam números de equilíbrio a cavalo e habilidades diversas, é muito recente. (CASTRO in TORRES, 1998, p. 16)

De acordo com essa perspectiva, o circo como entendemos hoje é fruto do empreendimento do militar britânico Philip Astley, no século XVIII, o qual compunha seus espetáculos, organizados e estruturados num picadeiro, à base de apresentações artísticas que incluíam o cavalo. O circo moderno tem seu início nesse momento, com a delimitação do espaço próprio para este tipo de espetáculo, da estrutura empresarial que passa a ser criada e da incorporação pelas famílias de saltimbancos a valores e rituais próprios da aristocracia militar do século XVIII. Sendo assim, o espetáculo idealizado por *Astley* foi

montado para se apresentar em espaços fixos e delimitados, espalhando-se rapidamente pela Europa. No entanto, as famílias de artistas continuavam itinerantes e levaram o modelo de espetáculo consigo para onde foram. Afinal de contas, como afirma Ermínia Silva "Philip Astley recria um circo que fica fixo em um pavilhão. Quem buscará outras terras e outros lugares de apresentação serão as famílias resultantes daquela fusão" (SILVA, 2009, p.56).

Os elementos que acionam a memória ou interpelam por notícias vinculadas à mídia da época acabam causando divergências quanto à data de chegada das troupes e/ou famílias circenses ao Brasil. Alice Viveiros de Castro afirma que já no último quarto do século XVIII existiam grupos circenses percorrendo as cidades brasileiras, e normalmente esses artistas eram relacionados aos ciganos, conforme sua citação:

Sempre houve ligação dos ciganos com o circo. No Brasil, no setecentos, há registros de padres reclamando dos ciganos que usavam estruturas parecidas com as do circo de pau fincado. Eles vieram para cá expulsos da Europa, e eram domadores, exímios cavaleiros (...) Por isso, muito antes de Phillip Astley ter um circo, já havia arte circense no Brasil, obviamente não num circo como se conhece hoje (...) Bom, havia de tudo, até teatro de bonecos. Eles viajavam de cidade em cidade e faziam o que fizesse mais sucesso naquele lugar, em função do gosto da população local. Isso o circo tem até hoje. (CASTRO in TORRES, 1998, p. 16)

Por outro lado, alguns autores defendem que as primeiras companhias circenses estruturadas sob o modelo conhecido como circo moderno, isto é, contendo números de variedades e exibições equestres, num picadeiro redondo, só chegam ao Brasil no século XIX. Antes de 1850, já se menciona a chegada de circos a Porto Alegre, por exemplo, o Circo Olímpico, de propriedade do norte-americano Alexander Lawandel, um dos pioneiros do circo no Brasil. É perceptível que as notícias da chegada das famílias circenses no Brasil são por vezes confusas e contraditórias. Mas há um consenso em relação aos autores aqui abordados, os quais afirmam que seria na segunda metade do século XIX que se deu o grande movimento de chegada de *troupes* ao Brasil.

Sula Mavrudis, contribui com informações quanto à instalação de troupes e/ou famílias circenses em território nacional, afirmando que

No Brasil, desde o século XVII havia artistas saltimbancos, em sua maioria oriundos das companhias de teatro e acrobáticas, vindas da Europa. A partir da segunda metade do século XVIII, estes saltimbancos definiram-se

como circenses(...) A partir da segunda metade do século XIX vieram ao Brasil famosas companhias estrangeiras que aqui deixaram mestres das artes circenses, sendo a primeira delas, o Circo Bragassi (MAVRUDIS, 2011, p.200).

Refletindo sobre a constituição histórica do circo-família, Ermínia Silva afirma que

No Brasil, a partir do século XIX, registra-se a presença de várias famílias circenses europeias, trazendo a 'tradição' da transmissão oral dos seus saberes. A organização do circo, nos diferentes lugares para os quais os artistas migraram, foi marcada pelas relações singulares estabelecidas com as realidades culturais e sociais específicas de cada região ou país, sem quebrar a forma de transmissão do saber: familiar, coletiva e oral. Esta forma perdura praticamente até os dias de hoje, particularmente nos grupos circenses itinerantes da lona (SILVA, 2009, p.25).

Independentemente de marcadores temporais precisos (pois, as histórias, assim como as rotas circenses, não são lineares), o importante é ressaltar que, instaladas no Brasil, as famílias estrangeiras uniram-se a outras - estrangeiras e brasileiras - incorporaram hábitos, costumes, aprenderam a língua e foram consolidando uma comunidade. Aqui também criaram seus modelos de espetáculo e deixaram marcas definitivas nas expressões culturais do país.

ENTRADA² NO CAMPO

Após definir o meu recorte etnográfico, ou seja, as famílias circenses itinerantes em Minas Gerais, percebi que havia muitos entraves quanto ao acesso aos sujeitos da pesquisa. Tive muita dificuldade em localizar os circos de pequeno porte que circulavam pela região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), principalmente, pelo fato dos mesmos "invisibilizarem-se" em bairros periféricos, pois, costumam se esconder das fiscalizações constantes exercidas pelos órgãos públicos dos municípios e do estado.

Esse fato pode ser confirmado no discurso de alguns circenses:

Às vezes, a gente trabalha clandestino, mas num é porque a gente quer. É porque as exigências são demais e a gente num consegue alcançar. (Jorge, circo Romani. Reunião RAC com jornalistas do IPHAN/RJ para o prêmio Rodrigo Melo de Franco, 08/09/2014)

É muito difícil o dono do circo fazer o circo andar. A burocracia é muito grande(...) (Moisés, o rei do pedal. Reunião RAC com jornalistas do IPHAN/RJ para o prêmio Rodrigo Melo de Franco, 08/09/2014)

²Entrada na linguagem circense remete às apresentações rápidas dos palhaços.

Dessa forma, informei-me pelo site (<http://www.circonteudo.com.br>) a respeito de possíveis contatos de circenses ou de alguma entidade que os representasse em Minas Gerais, obtendo o contato da mentora da Rede de Apoio ao circo no estado, Sula Mavrudis, a qual se disponibilizou a me ajudar, fazendo também um convite para que eu acompanhasse as reuniões mensais da Rede.

A partir de então, pude ter contato direto aos circenses que periodicamente compareciam as reuniões. Nesse momento, precisei esboçar os meus interesses acadêmicos em relação ao grupo, o que ainda não estava tão bem definido. Partindo de alguns pressupostos antropológicos que orientam a prática etnográfica, delineei que a construção do meu trabalho de campo iria me conduzir a formulações informadas pelo próprio grupo (ZALUAR, 1986), pois intentava que a reflexão fosse coletiva. De acordo com as proposições metodológicas que focam no despreendimento antropológico, é fundamental que os sujeitos de pesquisa expressem sua agencialidade e autoridade no trabalho de campo, reconhecendo seu papel reflexivo no processo em que atuam (RAMOS, 2007).

Sendo assim, deparei-me com um coletivo organizado que demandava questões urgentes, como o pleito junto ao IPHAN, que visa ao reconhecimento das famílias circenses como patrimônio imaterial, histórico, cultural e artístico nacional. Devido ao meu envolvimento com o Projeto Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais, do Programa Cidade e Alteridade/Direito/UFMG, e levando em consideração que a política patrimonial na área da cultura tem um alcance reduzido, apresentei a possibilidade de inclusão das famílias circenses nessa categoria – comunidades tradicionais -, contando que esse seria mais um instrumento de luta para o grupo.

Aciono a noção de comunidades tradicionais para definir grupos humanos diferenciados, sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos (DIEGUES;ARRUDA, 2001, p. 62).

Do ponto de vista conceitual, o artigo 3º do Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de

2007, estabelece um conceito operativo para fins de implementação de políticas públicas, onde “povos e comunidades tradicionais” podem ser entendidos como

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Entendo a tradição nos termos propostos pelo próprio grupo, como também por Alfredo Wagner Berno de Almeida (2006), em que o “tradicional” não se reduz à história, nem tampouco a laços primordiais que incorporam identidades coletivas, mas envolve identidades que se redefinem situacionalmente numa mobilização continuada.

Desse modo, é com base nessa realidade sociocultural das famílias circenses que o projeto de Mapeamento de Povos e Comunidades Tradicionais em Minas Gerais, coordenado pelo Prof. Dr. Aderval Costa Filho, orientador da monografia que venho realizando, propõe facilitar a visibilização e a inclusão sociopolítica desses grupos culturalmente diferenciados, com base numa política de afirmação identitária, e com o intuito de fomentar o acesso a políticas públicas que contemplem as suas especificidades e respeitem o direito dessas famílias à sua diversidade. Sendo assim,

Num país e estado tão diversos em sua composição étnica, racial e cultural, é um grande desafio assegurar direitos para promoção do bem-estar social da população, sobretudo dos povos e comunidades tradicionais. Sabemos que boa parte dessas comunidades se encontra ainda na invisibilidade, silenciada por pressões econômicas, fundiárias, processos de discriminação e exclusão social. Vários movimentos sociais no Brasil têm evidenciado a existência de uma multiplicidade de grupos culturalmente diferenciados e promovido sua articulação e mobilização social, o que culminou no reconhecimento jurídico-formal dos denominados 'povos e comunidades tradicionais'. Entretanto, nem todos os envolvidos conhecem plenamente esses direitos. A ausência ou a negação de informações sobre os direitos e seus meios de acesso têm gerado no Brasil e, particularmente, em Minas Gerais, muitas injustiças contra esses grupos. (COSTA FILHO; MENDES, 2014, p.8)

Vale salientar que os próprios circenses já se autoidentificavam como tradicionais de circo nas nossas conversas, delimitando seus sinais diacríticos quanto a expressões identitárias e culturais, além de apresentarem um discurso que articula uma demanda territorial, no sentido de conseguirem terrenos em que possam armar sua lona e continuar a

se reproduzir socialmente. Ou seja, enquadrá-los na categoria de comunidade tradicional somente atende a um artifício conceitual para que o Estado os reconheça enquanto tal e possibilite o acesso a políticas públicas universais e específicas, a um grupo que se definiu ao longo da história como sujeitos de direitos diferenciados.

Com o intuito de ampliar as redes de proteção das famílias circenses, a RAC foi estabelecendo outras parcerias, e fui acionada como produtora "legítima" de um discurso necessário ao processo de registro junto ao IPHAN, além de comprometer-me a mapear essa comunidade, que se encontra dispersa em Minas Gerais, para que políticas públicas específicas fossem pleiteadas e implementadas.

Os trabalhos de campo empreendidos até o momento resumem-se na minha participação nas reuniões mensais da RAC, as quais acompanho desde junho de 2014. Além disso, foram realizadas visitas ao Richard Circus (Ribeirão das Neves: 28/03/2014 e 30/03/2014), Circo Castelli e Lincoln (Betim: 11/05/2014), Fantástico circo Show (Martinho Campos: junho de 2014), Kalahary Circo (Arcos: 17 a 21/04/2015). Participei de uma reunião da RAC junto ao IPHAN em Belo Horizonte (18/03/2015) e acompanhei os coordenadores da Rede em várias atividades que envolviam interesses diversos.

CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS CIRCENSES: TRADIÇÃO, IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Como explicitado nas considerações históricas, na maior parte das vezes as famílias circenses utilizavam os conhecimentos técnicos trazidos de seus países de origem e procuravam adaptá-los às condições que encontravam por aqui. Com o tempo, estes conhecimentos foram sendo repassados aos herdeiros(as), filhos(as) e netos(as), geração a geração, como é próprio da tradição circense, proporcionando uma conformação específica de seus saberes em território brasileiro e mineiro.

Os conhecimentos herdados e repassados de pai/mãe para filho/filha constituíram o bem mais precioso que os circenses carregaram por todos os recantos do país e do estado de Minas Gerais, e através deles o circo foi construindo sua identidade. A união de diferentes grupos podia dar origem a uma nova família, seja pela junção de famílias nucleares ou pela (in)corporação de um(a) artista solo. Itinerantes, viviam, e ainda vivem,

unidos por laços familiares e por seus saberes-fazer de caráter próprio.

Assim, a trajetória circense sempre foi marcada pelas formas criativas de adaptação às mais diversas situações que encontrou. Antiga e rica, sua história vem comprovar que a tradição pode contribuir para explicar uma vida tão longa, mas nunca será a razão da estagnação e da cristalização de um modelo. Preservando sua identidade, o circo desenvolveu mecanismos de sobrevivência vinculados à preservação de suas mais profundas características (SILVA, 2009), sendo que, para conhecê-las, será necessário adentrar as dimensões básicas da instituição circense, que com tanta sabedoria vence o tempo e extrapola os espaços.

Sula Mavrudis, da rede de apoio ao circo (RAC), afirma que no Brasil há uma estimativa feita pelas associações circenses de cerca de 200 circos em atividade ainda no país. Em Minas Gerais, de acordo com a estimativa de circenses que passaram pela RAC, é possível relacionar pelo menos 100 circos que já frequentaram as reuniões da Rede, mas podem existir famílias que nunca ouviram falar dessa Organização. Vale salientar que o número de circos não corresponde necessariamente às famílias tradicionais, existe circo que tem seu quadro de artistas composto por duas ou três famílias, enquanto outros possuem apenas uma família extensa. Além disso, passam pela RAC grupos que produzem espetáculos de circo, mas que não são circenses tradicionais.

Os circos itinerantes, pelas suas características próprias, representam um desafio para o seu mapeamento, pois não existem informações oficiais quanto ao número de famílias circenses no Brasil, já que o IBGE ignora o grupo na contagem da população, não havendo até mesmo menção à categoria identitária nos censos. Desse modo, as estimativas realizadas são com base em algumas associações circenses (Abracirco - Associação Brasileira do Circo, Conselho Nacional dos Circos Itinerantes, Cooperativa de Circenses da Bahia, União Brasileira de Circo Itinerante - UBCI, Associação dos Circenses do Espírito Santo, entre outras). Seguem abaixo dados específicos sobre os circos itinerantes de Minas Gerais, de acordo com as informações da RAC:

- **Quantidade de circos em Minas Gerais:**

Cerca de 60 circos itinerantes. Destes, 80% é de circos pequenos, com capacidade para um

público de 300 ou até 400 pessoas. Os outros 20% é de circos de porte médio ou grande, com mais de 500 lugares. Além dos circos itinerantes, em quase todas as cidades mineiras existem remanescentes de famílias circenses que perderam suas lonas e foram obrigados a fixar residência. Em sua maioria, os integrantes dessas famílias ainda exercem atividades circenses, sendo frequentes a realização de oficinas e apresentações em escolas, empresas, festas de aniversário, festivais e exposições agropecuárias.

- **Área de itinerância:**

80% dos circos percorrem preferencialmente as regiões do Sul, Sudeste, Central, Triângulo, Região Metropolitana e Zona da Mata. Os motivos dessa preferência são as boas condições das estradas e a proximidade entre as cidades, fatores que barateiam o custo da mudança do circo, além da melhor condição econômica da população local; 20% dos circos percorre as regiões Norte, Noroeste, Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce. De todos os circos, cerca de 20% ultrapassa ocasionalmente os limites do estado de Minas Gerais, mas limitando-se aos estados vizinhos. Somente 3 circos de famílias mineiras percorrem todo o território brasileiro, e muito raramente saem do país.

- **Número de componentes em cada circo:**

Os pequenos circos são em média compostos por famílias constituídas por 15 a 20 pessoas, e alguns funcionários que vão se juntando ao circo, durante a sua itinerância. Os médios e grandes circos são formados por várias famílias, chegando a ter cerca de 60 funcionários efetivos, além de outros funcionários contratados temporariamente em cada local.

A família tradicional de circo é identificada, normalmente, pelo seu sobrenome (às vezes subdividas em vários circos). Geralmente cada família é uma trupe, que pode trabalhar em seus próprios circos ou podem ser contratados por outros circos. Existem também famílias que trabalham atrás do pano, na parte administrativa ou gerencial. Assim,

A família - portadora de saberes e práticas presentes na memória preservada de seus antepassados - fez parte de todas as fases de construção do circo no Brasil. Na virada do século consolidou-se um 'território' formado pelas várias famílias, que apesar das mudanças tecnológicas e suas implicações internas, estruturam-se em torno da manutenção da transmissão oral daqueles saberes e práticas, de geração a geração (SILVA, 2009, p.83).

Nesse sentido que as gerações futuras são sempre responsáveis pela perpetuação dos saberes e práticas, as quais são depositárias. Fundamentada na forma coletiva de aprendizado, reiterada pela memória e constituída na e pela identidade circense, a transmissão desse saber-fazer no circo é dada pela oralidade e corporalidade [conhecimento (in)corporado], sendo o ritual de aprendizagem responsável pelo *habitus* constantemente reificado pelo grupo. A sociabilidade cotidiana é expressa nos movimentos diários dos corpos, que não são apenas (re)elaborados para o espetáculo, como também são responsáveis pela (re)produção das próprias famílias circenses.

Seria, então, a reprodução social a responsável a assegurar, por meio da transmissão consciente ou inconsciente do capital cultural acumulado, a perpetuação das estruturas sociais, ou até mesmo das relações que configuram a "ordem social". Bourdieu esclarece,

A vida social ou a vida do mundo social não é outra coisa senão o conjunto das ações e das reações tendentes a conservar ou transformar a estrutura, ou seja, a distribuição dos poderes que a cada momento determina as forças e as estratégias utilizadas na luta pela transformação ou conservação e, em consequência, as possibilidades que essas lutas têm de transformar ou de perpetuar a estrutura. (BOURDIEU, 1994, p. 40)

O *habitus*, então, seria o modo como a sociedade se sedimenta nas pessoas sob formas de disposições duráveis, ou habilidades adestradas em que se torne propenso para pensar, sentir e agir de determinadas formas. Desse modo, a reprodução social é informada por esse *habitus* que opera por meio de um sistema de estratégias que lhe é próprio, e para isso ser percebido é necessário apreender os diferentes domínios da vida social do grupo em questão, nesse caso, a família circense.

Esse processo pode ser constatado nos ensaios que acompanhei nos circos visitados. É comum que as crianças brinquem com as claves do malabares, pendurem-se na corda indiana, pulem na cama elástica e entrem no palco acompanhadas dos seus pais. Durante minha estadia no Kalahary circo pude acompanhar a dinâmica diária dos treinos, o casal contratado (Flávia e Gilson) estava sempre disposto a passar o que sabia para os outros artistas. Ayeska Tawanne e Yasmin Naiendre, que são adolescentes, afirmaram ter aprendido com os artistas que passaram pelo circo, além da própria família ter se incumbido do processo de aprendizagem. Silva descreve essa relação exposta na sua pesquisa histórica

Os circenses sempre indicam uma figura que se responsabilizava e possibilitava que se tornassem profissionais do picadeiro. O condutor do processo de aprendizagem que formava um artista era considerado um mestre. Mestre da arte circense, mestre de um modo de vida, mestre em saberes – ou seja, um mestre 'pertencente à tradição', pois durante toda a sua vida participou das experiências de socialização, formação e aprendizagem que caracterizavam o circo-família (...) Nos circos em que apenas a família proprietária estava presente, algum parente assumia o papel de mestre. Quando o circo-família era composto por várias famílias, um artista com um pouco mais de idade, era o mestre das crianças (SILVA, 2009, p.106 e 107).

Assim, por meio das práticas cotidianas (inscrites e refletidas no e pelo corpo), os sujeitos podem cumprir tarefas das mais variadas por meio de esquemas análogos. Essa competência prática, que pode ser adquirida na e para a ação, é durável, porém não é estática nem muito menos eterna. Por isso, as resignificações e dinamicidade no mundo circense são constantes, os sujeitos/agentes (re)fazem ativamente o seu universo social, assim o *habitus* seria primordial não só para uma análise da perpetuação e da coesão, como também das situações de crise e mudança.

O trabalho etnográfico permitiu evidenciar relações conflituosas que constantemente são designadas pelos circenses como "problemas familiares". Nenhum dos artistas circenses nega as crises que constantemente permeiam o grupo, seja a saída de alguém do circo, as dificuldades financeiras, burocráticas, os preconceitos, ou uma briga, fofoca, confusões que sempre aparecem. "É lógico que toda família discorda e tem problema, mas todo mundo brinca, e respeita o que é mais importante" (entrevista 19/04/2015, Matheus Guídio, circo Kalahary).

Por isso, não é possível esboçar uma realidade circense sem adentrar as questões conflituosas ao grupo. A imersão etnográfica foi desvelando situações cotidianas em que todos os membros dessa família extensa transpareciam momentos de tensão entre eles e/ou com a sociedade envolvente. Alguns não falavam explicitamente das relações assimétricas entre artistas contratados, família circense proprietária do circo e funcionários, no entanto, foi possível constatar nos discursos, posições que iam da empatia a acusações de exploração por parte dos donos de circo.

Uma família contratada pelo Kalahary circo, por exemplo, expôs em diversas conversas que preferiam trabalhar em circos pequenos aos de grande espetáculo. Flávia e

Gilson trabalharam por muitos anos em grandes circos, como o Marcos Frota, Broadway e Circo Rakmer, relatando situações de muita exploração e intolerância por parte dos donos desses circos. Eles consideram "o ritmo dos circos maiores muito frenético, não tem um acolhimento, além de que os artistas não terem liberdade nem autonomia no espaço da lona". Normalmente, são proibidos de venderem produtos (o que normalmente complementa sua renda), não podem conversar com o público, precisam sempre "manter uma postura de profissionalismo". Enquanto que "nos circos tradicionais, de família, em que a estrutura é menor, sentimos mais a vontade e as relações de trabalho não são tão rígidas." (entrevista 21/04/2014, Gilson e Flávia Souza, Kalahary circo).

Ermínia Silva colabora com a discussão, inferindo que "mesmo sendo artistas contratados, todos continuavam a fazer tudo, constituindo-se uma relação mais de pertencimento ao grupo circense, do que propriamente a relação patrão versus empregado, o que não impedia o surgimento de situações de conflito" (SILVA, 2009, p.91 e 92). Esse fato, normalmente, é constatado nas mudanças do circo, em que os entrevistados afirmaram ser necessário a mobilização de todos para o processo de desmontagem e montagem da lona e de toda a estrutura do circo, perfazendo um sentimento de união maior do grupo.

A dinâmica circense nos processos de crise e mudança pôde ser constatada no caso do circo Belga, em que os núcleos familiares, por não mais conseguirem se prover, precisaram se separar, dando origem a outro circo. Fato constantemente observado no universo circense, como defende Silva, "quando aconteciam rompimentos familiares ou contratuais, devido a conflitos internos, formava-se outro circo ou procurava-se contrato com outro proprietário; caso um proprietário perdesse o seu circo, tornava-se artista de outro circo" (SILVA, 2009, p. 92).

As funções ou ocupações laborais dentro do circo não são fixas. Muitos entram como funcionários responsáveis por armar e desarmar a lona e outras atividades pertinentes à estrutura do espetáculo, contudo, com o tempo, podem se transformar em artistas. Esse é o caso de muitos circenses que não "nasceram em barraca de circo", mas que foram (in)corporados nesse universo. Assim, a mobilidade social é possível nesse espaço, e define relações de hierarquia, já que se tornar artista implica adquirir um *status* mais

elevado que ser um funcionário "braçal".

Weskley Bezerra, que ocupa atualmente a função de assistente de palco no Kalahary circo, apesar de ser oriundo de uma família tradicional (sua irmã Wilda nasceu em circo e é casada com Cláudio, filho da matriarca do Kalahary, Sra. Mafalda Guídio) não passou pelo processo de socialização/formação/aprendizagem inerente à tradição circense (SILVA, 1996). O mesmo iniciou sua sociização no circo após o falecimento da sua mãe há pouco tempo, e enfatizou sua vontade em seguir a vida "dentro do circo", por isso começou a aprender o número de pirofagia e reiterou que "no circo tem hierarquia sim", mas que isso seria normal em qualquer família.

Existem também rivalidades entre os circos, questões que envolvem respeito e evitação quanto ao território de atuação, por exemplo. Dois circos armarem lona numa mesma praça é completamente inviável, gerando discórdias e mútuas acusações por parte das famílias proprietárias de cada circo. Outro fator de rivalidade se dá pela contratação de artistas, devido à grande mobilidade dos mesmos por diversos circos. É comum que as famílias contratadas saiam de um circo para outro quando recebem melhores condições de trabalho, o que causa mal estar entre os circos envolvidos. No entanto, ao longo da minha participação nas reuniões da RAC, presenciei diversos casos de cooperação entre famílias circenses e circos.

Desse modo é possível falar de forças constituintes e de forças dissolventes no universo circense, nos termos de Bourdieu e Simmel. O conflito é internalizado na reprodução social. Vale esclarecer que sociação para Simmel é uma forma de interação sem fim nela mesma, seria a interação da ordem de estar junto, da manutenção das relações sociais, destituídas de qualquer interesse econômico, político e etc. Simmel alerta que "além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso" (SIMMEL, 1983, p.169). Assim, em Simmel, a sociabilidade resulta das qualidades integrantes das interações sociais, gerindo as formas de estruturação, com o intuito de viabilizar a fluidez da existência desses elos sociais.

No que tange à tradição, a abordagem antropológica utilizada aqui não pretende

chegar com definições preconcebidas, apesar de mobilizar uma bibliografia que discuta a respeito e traga possibilidades de compreender como esse conceito opera, é fundamental que o próprio grupo defina o que significa ser "tradicional" e como suas relações de pertencimento ao circo operam pela tradição.

Eu nasci numa barraca de circo. Meu avô fugiu com o circo tinha 14 anos. Aí ele seguiu a família dele em circo, casou em circo, aí ele foi gerando a família. E aí meu pai passou a tomar conta do circo depois que ele faleceu. Depois meu pai veio a falecer e eu continuei com o circo, e agora tem meus filhos e levem meus netos também, 12 netos que já tá uma carreirinha, escadinha (...) E vai seguindo o circo, uma paixão que num tem nem como explicar. (Narcísio, Circo Nacional do Garrafinha. Reunião RAC com jornalistas do IPHAN/RJ para o prêmio Rodrigo Melo de Franco, 08/09/2014)

Silva conclui com base na sua pesquisa que o grupo não entende tradição como uma representação do passado em relação ao presente, mas que

Ser tradicional significa pertencer a uma forma particular de fazer circo, significa ter passado pelo ritual de aprendizagem total do circo, não apenas de seu número, mas de todos os aspectos que envolvem a sua manutenção. Ser tradicional é, portanto, ter recebido e ter transmitido, através das gerações, os valores, conhecimentos e práticas dos saberes circenses de seus antepassados. Não apenas lembranças, mas uma memória das relações sociais e de trabalho, sendo a família o mastro central que sustenta toda esta estrutura. (SILVA, 2009. p.82)

Sou nascido em barraca de circo, de uma família tradicional mesmo de circo, e agora já tô criando os netos também no circo. (José Maria Mariano, circo Belga. Reunião RAC com jornalistas do IPHAN/RJ para o prêmio Rodrigo Melo de Franco, 08/09/2014)

A gente é unido, tem união, um ajuda o outro. Isso é tradição de circo. (entrevista 18/04/2015, Wilda Bezerra, Circo Kalahary)

Vale salientar que, esse acesso à tradição não era monopolizado somente por aqueles que nasciam debaixo da lona de circo. O caráter agregador da família circense permite que alguém "estranho" ao grupo possa adquirir, por meio da aprendizagem e transmissão de saberes inerentes ao mundo do circo, o status de "tradicional" de circo. Desse modo, o uso do termo tradicional para os circenses é também utilizado como um qualificativo impresso no sentido de aceitação do indivíduo ao grupo.

Por isso, é comum que os circenses tradicionais digam que alguém não nascido em família circense, mas que tenha sido capaz de integrar-se a uma comunidade circense e que detenha os conhecimentos necessários para viver em circo e os domine com sabedoria e

maestria, que esta pessoa tornou-se um tradicional de circo. Admitir pessoas não nascidas entre famílias tradicionais tão bem preservadas é parte do processo de inclusão que sempre existiu no circo desde o tempo em que existia apenas como uma das artes da rua. Esse processo de inclusão permanente de novos elementos renova, atualiza e permite que o circo aproxime-se da sociedade envolvente (SILVA, 1996). Como se infere nos testemunhos,

O circo adota as pessoas, as pessoas adotam o circo né? A pessoa começa ajudando no circo, rapidinho ele já forma uma família no circo, ele já tá lá na família do circo. Aí começa a aprender novos números, às vezes a família da gente sai mesmo, vai trabalhar com outras pessoas, trabalhar em outra área. Mas sempre volta, uma hora ou outra, um dia de folga tá dentro do circo. A família é isso. (Valdir, Fantástico circo show. Reunião RAC com jornalistas do IPHAN/RJ para o prêmio Rodrigo Melo de Franco, 08/09/2014)
(...)Até 20 anos vivi na roça. Andava de bicicleta e tinha um sonho de ser acrobata de bicicleta. Aí entrei pro circo, tive várias profissões, trabalhei em vários empregos, mas meu sonho era trabalhar em circo. Aí entrei pro circo pra aprender a armar e desarmar. Aí fui treinando de bicicleta até que me tornei o rei do pedal. Trabalhei em vários circos, depois arrumei meu circo e continuei. Continuo, o circo é minha paixão. (Moisés, o rei do pedal. Reunião RAC com jornalistas do IPHAN/RJ para o prêmio Rodrigo Melo de Franco, 08/09/2014)

De acordo com as próprias famílias circenses, a tradição é um valor constantemente acionado pelo grupo, pois seu significado remete-se às mais remotas origens do circo que estão na família, na transmissão e no uso do conhecimento. Tradição é um valor que permeia e interage com todos os outros e em nenhum momento pressupõe imobilismo ou cristalização das estruturas ou das práticas. É um valor referenciado para autodefinir um circense, quando quer explicitar duas coisas: sua origem herdada de muitas gerações nascidas e vividas em circo e, ter aprendido seu ofício e desenvolvido seus conhecimentos no seio da família a que pertence (SILVA, 2009).

No que se refere às questões identitárias, a autodefinição do grupo é primordial para as suas articulações políticas, e partindo de conceitos antropológicos que definem a identidade como relacional, em que sinais diacríticos são produzidos nas e pelas interações e relações (CUNHA, 2009), é possível notar que o circense se identifica como tal em oposição ao outro não-circense. "É meio que um preconceito, mas a gente chama o pessoal da cidade de loci, porque eles não entendem como é a vida no circo" (entrevista 19/04/2015, Matheus Guídio, circo Kalahary).

Os circenses tradicionais tendem a se referir aos não-circenses como os "de fora",

enquanto eles se definem como os "de dentro", numa clara divisão de espaços apropriados. Nesse discurso, as categorias circenses expressam aqueles que compartilham da mesma visão de mundo, enquanto distancia aqueles que desconhecem a lógica interna da lona. Sendo que, como afirma Silva, "a apreensão deste 'outro' é realizada como um movimento de identidade /diferença." (SILVA, 2009, p.140) Complementando esse raciocínio,

Nacer en el circo y quedarse dentro de él sometido a una interacción conscientemente orientada de unos hacia otros, en un proceso de mutua disposición y pareciera ser la condición por excelencia para actuar como gente de circo. La identidad de la gente de circo está asegurada en 'la reflexión espacial, cotidiana, que regresa a través de los laberintos del mundo y de cosas entre las que el sujeto se va reconociendo'. (FIDELA, 2010, p. 103 *apud* Giannini, 2007, p. 20)

Por outro ponto de vista, Gilmar Rocha descreve a importância que as viagens possuem para a definição de um ethos cultural circense, pois seriam "as narrativas de viagem (...) constitutivas da identidade social circense." (ROCHA, 2013, p.92) O autor elenca alguns atributos que conformariam a identidade dos artistas de circo, como a responsabilidade, o fazer bem o número, dedicação e respeito à "grande família circo." Sendo a tradição substancializada no discurso e no corpo circense.

Quanto às especificidades inerentes a essa comunidade tradicional, pode-se afirmar que a transumância é uma característica muito importante no desenvolvimento do grupo. Apesar do sentimento de pertença constituído de um lugar de referência (território) ser um vínculo fundamental na constituição de qualquer comunidade tradicional, essa territorialidade não precisa ser necessariamente fixa. Vários autores mobilizados nesse trabalho reificam a importância de ser itinerante para os circenses tradicionais, pois

Sua itinerância está ligada diretamente a sua identidade, a sua estrutura, seus processos e suas estratégias de viver e produzir. Por meio de sua itinerância descobre caminhos e lugares concretos e simbólicos. Redefine suas estratégias e adequa-se a novas situações porque para ele a mudança não significa um momento crítico e eventual em sua existência. É essencial para sua sobrevivência. Oxigena sua estrutura e lhe permite ocupar novos espaços na sociedade, apesar desses espaços serem muitas vezes negados. (COSTA, 1999, p.109)

Sendo assim, comecei a pensar no vínculo territorial em que o grupo encontra-se submetido, traçando a partir da perspectiva da rota, o itinerário circense que engloba certo

lapso temporal para o retorno a um mesmo ponto, marcando um espaço delimitado pela circulação dessas famílias, impregnando esses territórios de relações sociais constituintes aos circenses tradicionais.

A noção de lugar, assim como a memória coletiva são marcadas pela mobilidade dos circenses, os quais percorrem rotas específicas e possuem seus processos de sociabilidades dispersos num território amplo. Existe todo um processo de territorialização em que os membros do grupo impregnam o espaço ocupado e há socialização num regime de propriedade comum, sendo possível traçar uma rota de suas ocupações das famílias circenses. Ou seja, o percurso da rota que é o tradicional, não o território fixo, existindo pontos preferenciais de acampamento e ocupação sazonal de porções desse espaço, os quais vão se tornando tradicionais. Assim, os circos tradicionais se desenvolvem num "território simbólico como espaço de referência para a construção de identidades" (ÁVILA, 2008, p. 11). O mesmo ainda infere que

O território é construído pela atividade circense, num exercício de poder sobre o espaço que, para ser percebido materialmente, precisa ser inconstante, promovendo uma territorialidade nômade, ou seja, a materialidade de suas ações só se torna visível se acompanharmos suas andanças(...) valorizamos a escala do lugar, do pertencimento e identidade – a arte passa pelo lugar e territorializa as emoções – um lugar simbólico, como as igrejas, praças, tribunais de justiça, entre outros, aos quais as pessoas associam sensações vividas. (ÁVILA, 2008, p.11)

CONCLUSÃO

Com base nesse contexto que venho acompanhando a luta das famílias circenses pelo direito à diferença e à sua manutenção como sujeitos pautados em uma identidade cultural específica, que é atravessada por entraves do poder público no que diz respeito ao reconhecimento e à enorme burocracia (nas suas relações com as estruturas do Estado) a que estão submetidos e os impedem de reproduzirem-se socioculturalmente.

Desse modo, os membros dessas famílias procuram legitimar suas identidades coletivas tradicionais por meio dos seus modos peculiares de ser e estar no mundo, valores esses partilhados pela memória, que é responsável pela manutenção e formação da tradição em um processo dinâmico.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, J. **Os circos não existem**. 1. ed. Imprensa de ciências sociais. 2002. 180 p.
- ALMEIDA, A. W. B. 2. ed. **Terras de Quilombos, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006. 192 p.
- APPADURAI, A. Soberania Sem Territorialidade - Notas para uma Geografia PósNacional. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n.49, novembro 1997, p. 33-46.
- ÁVILA, F. S. de. **Território Circense**. 2008. 131f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de ciências e tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.
- BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. 1. ed. São Paulo: EDITORA UNESP, 2003. 296 p.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 16. ed. Editora Bertrand Brasil. Tradução Fernando Tomaz. 2002. 322 p.
- COSTA FILHO, A. **Os Gurutubanos: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro**. 2008. 293f. Tese (Doutorado em Antropologia social) - Instituto de ciências sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- COSTA FILHO, A.; MENDES, A. B. V. 1. ed. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Cartilha organizada pela CIMOS - MPMG. 2014. 52 p.
- COSTA, M. M. F. da. **O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação de valores institucionais**. 1999. 204f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Escola brasileira de administração pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.
- CUNHA, M. C. **Cultura Com Aspas**. 1.ed. Cosac Naify, 2009. 440 p.
- DIEGUES, A.C.; ARRUDA, Rinaldo S.V. 1. ed. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério de Meio Ambiente, 2001. 211p.
- DUARTE, R. H. **Noites circenses_espétáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. v. 1. 279 p.
- FIDELA, S. C. S. **El circo: un encadenamiento de sentido**. Atenea 502, II Semestre 2010. p. 97-109

- HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B.K. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-70.
- MAGNANI, J. G. C. 1. ed. **Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984. 168 p.
- MAVRUDIS, S. K. 1. ed. **EnCIRCOpedia: Dicionário Crítico Ilustrado do circo no Brasil**. Belo Horizonte: Mútua Comunicação. 2011. 420 p.
- MORAES FILHO, E. de. (Org.) **Simmel**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983. 98 p.
- OLIVEIRA, J. A. **Circo**. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Eucatex. 1990. 96 p.
- PANTANO, A. A. **A personagem palhaço**. 1. ED. Editora UNESP. 2007. 68 p.
- RAMOS, A. R. **Do engajamento ao desprendimento**. Revista Campos, v.8, n.1., 2007, p.11-32.
- ROCHA, G. **A magia do circo: etnografia de uma cultura viajante**. 1. ed. FAPERJ, 2011. 304 p.
- RUIZ, R. **Hoje tem espetáculo?: as origens do circo no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Inacen, 1987. 144 p.
- SILVA, E. **O circo: sua arte, seus saberes. O circo no Brasil, de final do século XIX a meados do XX**. 1996, 184f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de filosofia e ciências sociais. Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- SILVA, E. ABREU, L. A. de. **Respeitável público - o circo em cena**. 1. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009. 262 p.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 118 p.
- TORRES, A. et al. **O circo no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte. 1988. 337 p.
- VARGAS, M. T. **Circo – espetáculo de periferia**. 1. ed. São Paulo: SMC/Dida/CDIABC. 1981. 175 p.
- ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: Cardoso, R. (org) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 107-125.